

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 500 exemplares  
Depósito Legal: 433460/17  
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



# ADORNOS DE CAVALO DA ÉPOCA MEDIEVAL, PROVENIENTES DAS ESCAVAÇÕES DO CASTELO DE ALMOUROL (1898)

Maria Antónia Athayde Amaral<sup>1</sup>

## RESUMO

Luís Teixeira Beltrão concluiu, em Janeiro de 1899, o relatório sobre uma escavação realizada em 1898 e iniciada por Garcês Teixeira, talvez, ainda, em 1897, no Castelo de Almourol. Curiosamente, acompanhava este documento uma representação cartográfica contendo a planta da fortificação onde se assinalavam as áreas intervencionadas e, ainda, através da referência aos números 1 a 7, o local onde se encontrara muito do material exumado (fotografia nº 2). A amostra de peças sobre a qual me debrucei faz parte do conjunto de material então recolhido, constituído por 170 artefactos e 444 moedas, em grande parte exposto no núcleo museológico da Escola Prática de Engenharia, agora Regimento de Engenharia Nº1, e diz respeito a um conjunto de peças utilizadas como adorno nos cavalos durante a Idade Média.

**Palavras-chave:** Acessórios de arnês, Pendentes de arnês, Suportes de suspensão, Cavalos, Idade Média.

## ABSTRACT

In January of 1899 Luís Teixeira Beltrão wrote a report on an excavation, begun by Garcês Teixeira, perhaps in 1897, at the Castelo de Almourol. His report includes a map of the fortification showing that he excavated. In addition, places where much of the exhumed material was found are referred to with the numbers 1 to 7. My studies concern about a set of pieces used as decorate horses during the Middle Ages. These include 170 artifacts and 444 coins currently on display in the museum of the Practical Engineering School (*Escola Prática de Engenharia*), now known as the First Engineering Regiment (*Regimento de Engenharia Nº1*).

**Keywords:** Harness fittings and pendants, Suspension mounts, Horse, Medieval.

## 1. O CASTELO DE ALMOUROL

O Castelo de Almourol localiza-se na freguesia de Praia do Ribatejo, no concelho de Vila Nova da Barquinha, no distrito de Santarém e ergue-se numa pequena ilha no meio do rio Tejo, à cota de 19 metros de altitude, aproveitando um maciço rochoso granítico que se desenvolveu na ponta Este e que cai abruptamente sobre as águas, na zona Sul, Este e Oeste, proporcionando condições naturais e excepcionais de defesa e vigilância.

Esta localização, num ponto de cruzamento de vias

antigas, de origem romana, que estabeleciam a ligação Norte-Sul e Oeste-Este, e onde era possível atravessar a vau o grande obstáculo físico que era o rio Tejo, conferiu a esta fortaleza uma destacada importância estratégica e militar.

O castelo foi mandado construir por Gualdim Pais, filho de Paio Ramires, da linhagem dos Ramirões, e de D. Gontrode Soares, dos Correias, ligado a uma nobreza com domínios a Sul de Braga e na zona do vale do Cávado<sup>2</sup>, que esteve à frente do mestrado da Ordem do Templo, entre 1156 e 1195. Protagonista de um percurso militar excepcional, partiu para o

1. Direcção Geral do Património, maamaral@dgpc.pt

2. Sobre a personalidade de Gualdim Pais e seu percurso ver Barroca, 1995; *Idem*, 1996-1997, p. 176-202; *Idem*, 2002, p. 536; Mattoso, 1982, p. 215;

Próximo Oriente entre 1151-1152, no âmbito da IIª Cruzada pregada por S. Bernardo, em 1146, e aqui tomou contacto com as inovações, no âmbito da arquitectura militar, dos Cruzados na Terra Santa, que se iriam reflectir no programa que viria a desenvolver, em Portugal, de construção de raiz nalguns casos, ou de reforma, noutros, de pelo menos dez fortalezas distribuídas pelas várias linhas de defesa localizadas no território sob administração da ordem do Templo – a zona entre Coimbra e Santarém, a zona da fronteira Leste, e, por fim, os vales dos rios Zêzere e Nabão<sup>3</sup>. Este reforço das estruturas militares face à ameaça externa almóada, seria acompanhada por acções de incentivo ao povoamento de que são testemunho a concessão das cartas de foral a Pombal, Zêzere e Tomar (Barroca, 1996-97, p. 279). No território de Ceres, a segunda grande linha de defesa a Sul de Coimbra, o programa integraria a construção dos castelos de Tomar, em 1160, e de Almouroul, em 1171, e a reforma dos castelos de Cardiga e do Zêzere.

Do projecto de Gualdim Pais para o castelo de Almouroul chegou, até aos nossos dias, grande parte dos elementos que o constituíram, pelo menos no seu esqueleto base – a planimetria da fortaleza, os panos das muralhas exterior e interior, reforçados por alambor na zona Norte, a zona habitacional desenvolvida em vários pisos de que são testemunho os ajimezes do pano de muralha sul<sup>4</sup>, o adarve, nomeadamente o adarve sobre a porta principal, a torre de menagem e uma parte do sistema de ameias, que várias descrições e representações em desenho, do século XVIII e XIX, documentam (fotografia nº 1). O castelo, aproveitando ao máximo a topografia do terreno, nomeadamente a elevação proporcionada pelos afloramentos rochosos, que lhe confere um destaque na paisagem e um ângulo de visibilidade

---

3. O primeiro domínio, concedido à Ordem do Templo em 1128, nos finais do governo de D. Teresa, estender-se-ia em torno do itinerário romano *Olisipo-Eminium-Bracara* e polarizava-se no Castelo de Soure. O segundo, dominando uma via interior que dava acesso à Ladeia, centrava-se em torno do Castelo de Ceras, doado por D. Afonso Henriques, à Ordem, em 1159 (Barroca, 2002, p. 536-537).

4. Agradeço ao Dr. Paulo Fernandes a confirmação da classificação tipológica destes vãos, cuja utilização, em finais do século XII, e ainda segundo este investigador, documentam a adopção de uma tradição templária já experimentada na região de Coimbra, concretamente em Soure, um século antes.

de longo alcance e o punha a salvo de eventuais subidas das águas, desenvolveu-se em planta de configuração irregular, sub hexagonal, de altos paramentos feitos de blocos graníticos pouco afeiçãoados, que assentam directamente nos afloramentos rochosos, por vezes reforçados por sistema de alambor, como nos foi dado observar na zona Norte, e por dez torres de planta semicircular ou subcircular. A necessidade de adaptação à topografia do lugar resultou num traçado das muralhas algo sinuoso que se tentou regularizar com a adopção, sempre que possível, de troços rectilíneos cuja inflexão de percurso seria marcada pelos já referidos torreões, solução anteriormente experimentada no castelo de Pombal (Barroca, 1996-1997, p. 189).

A fortificação divide-se em dois recintos muralhados, por onde se acede por portas – o primeiro recinto, de maiores dimensões, subdividido num primeiro pátio e numa plataforma inferior onde se encontram todas as dependências residenciais para uso da guarnição militar; e o segundo recinto, a uma cota superior e também muralhado, onde se ergue a torre de menagem.

Esta disposição permitia uma defesa mais eficaz pois uma vez alcançado o primeiro pátio o invasor deparava-se com obstáculos, de que o rampeamento da base da muralha que envolve a torre de menagem, a Oeste, é exemplo. Aumentando a estabilidade do muro, dificultava o assalto por escada, e colocava o inimigo à mercê dos tiros infligidos a partir dos planos superiores, nomeadamente dos adarves (Barroca 1996-1997, p. 200).

O acesso principal ao primeiro recinto faz-se por porta em arco de volta perfeita, localizada a Oeste, que se encontra flanqueada por dois torreões circulares e sobrepujada por inscrição em mármore branco comemorativa da vida e dos feitos de Gualdim Pais, bem como evocativa do programa construtivo do castelo de *Almouroul*, de que foi protagonista<sup>5</sup>. A porta é delineada, externa e internamente, por aduelas compostas por silhares em granito bem aparelhados contrastando com as fiadas de pedra, de

---

5. Barroca, 2000, pp. 361-367. Esta lápide foi lida e publicada por vários autores: Brandão, 1632 B, p.27 Vº; Cunha, 1634-35, vol. II, p. 55; Teixeira, 1908, p. 162; Teixeira, 1925, p. 14-15; Teixeira, 1926, p. 71; Costa, 1982, p. 17; e a ela fizeram referência: Santa Catarina, 1722, pp.3-4; Leal, 1873-90, s.v. “Almouroul”, vol. 1, pp.156-157; Osório, 1896, p. 206; Osório, 1897, p. 36; Sousa, 1931, p. 627;

configuração irregular, do restante paramento. Na ombreira da face interna da porta, do lado superior esquerdo e imediatamente abaixo do arranque do arco, uma inscrição romana<sup>6</sup> testemunha a necessidade da conclusão rápida da construção da fortaleza utilizando todo o material disponível<sup>7</sup>, por um lado, e documenta uma eventual ocupação prévia da ilha ou, pelo menos, de algum local próximo, hipótese reforçada, ainda, quer pela existência de mais materiais romanos e atribuíveis à época visigótica, reaproveitados em vários outros paramentos (Barroca, 1996-1997, p. 200), quer pelo conjunto de moedas romanas e outros materiais exumados nas escavações de final do século XIX.

Esta zona apresenta-se delineada, no sentido longitudinal e coincidente com o eixo longo da ilha, pelo paramento voltado a sul, de grande altura, que inflecte, em cunha, para Este, reforçado por seis cubelos de feição circular, e adarve na parte superior. Nele se rasgaram os ajimezes, cujos ornamentos ainda estavam *in situ* em 1843<sup>8</sup> correspondentes aos aposentos da guarnição militar, cujos alicerces a referida escavação pôs a descoberto, bem como se rasga a porta da traição, com um poço adjacente também identificado no decurso das referidas escavações. A plataforma superior deste recinto é percorrida por um arruamento que termina na porta de acesso ao castelejo. O vão, antecedido de três degraus altos, é delineado por arco de características semelhantes ao da porta principal e igualmente encimado por inscrição em mármore branco comemorativa da construção do castelo *Almoirel*<sup>9</sup>. Na sua face interna identifica-se um silhar almofadado romano.

6. Costa, 1982, p. 17. Trata-se de uma inscrição funerária consagrada aos deuses manes por membros da família Frontão.

7. Esta necessidade de incutir um ritmo acelerado à construção encontra-se igualmente documentada no projecto de Tomar onde, na torre de menagem se aproveitaram inúmeros materiais pré existentes, de origem romana, visigótica ou moçárabe (Barroca, 1996-1997, p. 194).

8. Segundo o Conde de Melo existiriam, naquela altura, *duas janelas, uma das quais conserva ainda restos dos antigos ornamentos que revelam o gosto gótico (...)* Citado por FURTADO, 1996, v. I, p. 63.

9. Barroca, 2000, pp. 367-369. Esta lápide foi lida e publicada por vários autores: Costa, 1771, p. 47 e 141-142; Osório, 1897, p. 37; Azevedo, 1911, p. 405; Teixeira, 1926, p. 70; Sousa, 1931, p. 627; Sequeira, 1949, p. 145-146; e a ela fizeram referência: Brandão 1632b, p.27 v<sup>o</sup>; Cunha, 1634-35, vol. II, p. 55; Sousa, 1931, p. 627;

O perímetro do castelejo é delineado, a sul, por paramentos que adossam à torre de menagem, e a norte, pela muralha principal reforçada por quatro torres de configuração subcircular. A torre de menagem, de planta quadrangular, apresenta muros com diferentes espessamentos ao longo dos seus três pisos, partindo de uma base com cerca de dois metros de espessura e com cerca de 1,30 m na parte superior. No ângulo nordeste da base, três fiadas escalonadas e desalinhas da planta da torre, denunciam uma eventual construção pré existente. À torre acedia-se, no final do século XIX, por escada encostada à metade Este da parede Norte e por porta localizada a cerca de 2,80 m de altura. No segundo piso rasga-se uma janela voltada a Sul, rematada superiormente por lintel liso e sobrepujada pelo símbolo da Ordem do Templo. O seu interior, nos finais do século XIX, estava totalmente desprovido de escadas de acesso aos pisos superiores e ao terraço cujas ameias são originais ou pelo menos bastante antigas (Osório, 1897, p. 37; Costa, 1982, p. 19, Furtado, 1996, v. I, p. 63).

As muralhas dos dois recintos são coroadas por ameias e têm adarves com percursos independentes, um linear, ao longo da muralha sul, sem para-peito na face interna, e o segundo articulado com o recinto superior, cujas extremidades do percurso a Oeste e a Este, apresentam a particularidade de se desprenderem dos muros principais, o que as aproxima, em termos formais, como chamou a atenção Mário Barroca, das couraças. Estes troços salientes, que apresentavam a fragilidade da grande exposição ao tiro a partir do plano inferior, foram reforçados por duplo parapeito, documentando, uma vez mais, *uma grande capacidade de adaptação das soluções arquitectónicas aos condicionalismos do terreno e um invulgar domínio da arte militar* (Barroca, 1996-1997, p. 202). Nos paramentos Sul e sudeste da muralha existe ainda uma linha de seteiras a meia altura alinhadas com as seteiras superiores ou intercaladas. As torres, ao interior das quais se acede, em grande parte, por portas rectangulares, em planos inferiores ao adarve, ostentam seteiras e são igualmente coroadas por ameias.

Fica por esclarecer a localização da capela de Santa Maria de Almourol, mandada fazer pelo comendador Ruy Velho *sobre a porta do dicto Castello*, a que se refere um documento de 13 de Dezembro 1467, e onde terá casado a sua sobrinha com Martim Vaz de Bulhão (Dias, 1991, p. 108). Dada a total falta de espaço sobre a porta principal talvez a hipótese

mais plausível seja a aventada por Alfredo da Costa (Costa, 1982, p. 19), que coloca a capela na torre junto à porta de entrada do castelejo, ou na base da mesma, onde, talhados nos afloramentos, se vêem, ainda hoje, alinhamentos que parecem corresponder a alicerces<sup>10</sup>. De qualquer das formas é possível que a fortaleza tenha sido objecto de uma campanha de obras nos inícios do século XV, nomeadamente após um incêndio documentado na carta de Martim Gonçalves, cavaleiro comendador de Almourol e tio do Condestável, a D. João I<sup>II</sup>.

## 2. A ESCAVAÇÃO DO CASTELO DE ALMOUROL

O relatório<sup>12</sup> do então alferes de Infantaria Luís Teixeira Beltrão<sup>13</sup>, datado de Janeiro de 1899, refere-se a umas escavações no castelo de Almourol, de que o próprio teria sido encarregado, e *já anteriormente começadas pelo tenente Garcez Teixeira* (fl.1); por outro lado, os artigos do próprio Garcês Teixeira (1908, p. 159 e 1951, p. 4) são inequívocos quanto ao início dos trabalhos de desaterros, dentro do castelo, executados com o principal objectivo de atingir o nível primitivo dos terraplenos interiores (Teixeira, 1908, p. 156). Refere o autor que se teriam iniciado logo após a formalização da afectação do castelo de Almourol à Escola Prática de Engenharia, o que teria acontecido quando era comandante o coronel José Emílio de Santana da Cunha Castelo Branco (1896-1899). É de crer que estes trabalhos, até pela dimensão que atingiram, possam ter tido início, ainda, em 1897, sendo certo que se desenvolveram em pleno em 1898. A escavação, de acordo com a

10. O documento que a esta capela se refere foi publicado na íntegra por Teixeira, 1951, p. 4; e por Baião, 1951-55, p. 16 e por Furtado 1996, vol. III.

11. Martim Gonçalves ter-se-á destacado nos serviços prestados na guerra contra Castela (CDJI, II, p. 229, 251, 335, 393 e 418) e terá sido recompensado pelo monarca como atesta a doação, em 1424, do Pego de Almourol, com os direitos de apenas ali se poder pescar com licença do Alcaide (Dias, 1991, 108 e Furtado, 1996, vol. III).

12. Arquivo da Escola Prática de Engenharia, *Documentos Antigos, Castelo de Almourol, Documentos Valiosos*.

13. Arquivo Histórico Militar (PT/AHM/DIV/1/35A/1/01/0044) Luís Teixeira Beltrão nasceu em Lisboa a 18 de Fevereiro de 1871, filho de José Joaquim Teixeira Beltrão e de D. Joana Barbosa de Vasconcellos Beltrão. Foi comandante em Tancos entre 1927-1929.

cartografia que acompanha o relatório, ter-se-á desenvolvido no recinto principal, entre a muralha Sul e o caminho de acesso ao castelejo. Pôs-se a descoberto aquilo que se julga ser a estrutura mestra da zona habitacional destinada à guarnição militar que, no caso de Almourol, era bastante diminuta<sup>14</sup> – uma grande parede longitudinal de 20 m de comprimento e de 0,50 m de espessura, paralela à muralha sul e uma parede perpendicular no seu extremo oriental, com igual largura e com a qual articula. Apareceram, ambas, à profundidade de 1,50 metros, e assentavam, segundo informação do autor, directamente sobre a rocha. No extremo Oeste desta parede foi detectado o arranque de uma abóbada sugerindo uma estrutura de cobertura deste tipo ao nível do rés-do-chão (fotografia nº 2).

A construção encontra-se subdividida por paredes transversais, duas que se mantiveram e duas que foram demolidas, que testemunham pelo menos dois níveis ocupacionais. Uma das remanescentes, dista da parede que perfaz o limite Este, 9,80 m, começando só a 2,7 m de profundidade e terminando ao nível de 4,85 m, e apresentando uma espessura de 0,90 m; a outra, encostando-se de um lado à muralha do castelo e do outro à parede longitudinal, com uma espessura de 0,50 m, começava ao nível de 0,50 e terminava ao nível 2,7 m. Entre esta parede e a transversal mestra, foi encontrado um pavimento forrado de um cascão horizontal com uma calha de secção semicircular com 0,22 m de diâmetro e com um ligeiro declive para um espaço vazio que se abria na muralha, eventualmente de escoamento de águas. Estas estruturas assentavam directamente no entulho, o que sugere a sua construção posterior. Nesta zona, onde o tenente Garcez Teixeira tinha iniciado uma pequena escavação que atingiu a profundidade de 2,20 m, designada no mapa pelo número 1, encontraram-se a maior parte dos objectos que aqui apresentamos: os medalhões, que começaram a aparecer a dois metros de profundidade, ao pé da parede que foi demolida, e as guarnições de latão, fechos, a espora e alguns objectos de cerâmica<sup>15</sup> nos entulhos que jaziam por baixo desta.

No desenho (fotografia nº 2) e descrição que estamos

14. Oliveira, 2013, 394. Um documento datado de 1201, visto por Viterbo, refere apenas 5 templários.

15. Os objectos de cerâmica já não integravam actualmente a colecção proveniente desta escavação e que se guarda no Museu de Tancos.

a seguir há referência a zonas de achados numeradas de 1 a 7, com correspondência em tabuleiros numerados. Se houve ou não um inventário escrito destas peças, desconhecemos. Há sim, subsistente nos selos que acompanham as peças, dois inventários posteriores, havendo correspondência nos selos de configuração oval recortada com o inventário realizado em 17 de maio de 2000.

No inventário geral que realizámos em 2016-2017, incluímos todo o material existente e proveniente da escavação, verificando-se uma predominância de objectos metálicos em cerca de 90,5%. Relativamente ao tipo de metal de que são constituídos estes artefactos, 48% são em liga metálica de cobre ocorrendo também objectos em liga de bronze, de que evidenciamos, para além do conjunto apresentado, uma magnífica espora, um conjunto de guizos, uma candeia, uma agulha, um dedal, uma colher; 52% dos objectos são em ferro, onde se inclui o espólio bélico – pontas de lança –, e outro espólio de cariz doméstico que atesta bem o carácter habitacional desta estrutura. Especial destaque ainda para o conjunto de centenas de numismas, maioritariamente em prata, com um largo espectro cronológico: quatro moedas romanas, um número considerável de numismas da I Dinastia – D. Sancho I, D. Sancho II, D. Afonso III, D. Dinis, Afonso IV e D. Fernando –, alguns numismas da II Dinastia – D. João I, D. Duarte, D. Afonso V, D. Manuel I, D. Sebastião, D. João III; e apenas um exemplar da IV dinastia, V réis de D. João IV.

Dada a extensão e variedade tipológica da amostra optámos por estudar, agora, e porque pouca atenção têm merecido em território nacional, apenas os artefactos que se podem incluir no denominado equipamento militar e relacionado com a arte de montar.

### 2.1. ADORNOS DE JAEZES:

incluem medalhões de suspender, medalhões de pregar ou fixar e elementos de articulação.

As peças mais emblemáticas desta colecção incluem exemplares em liga de cobre e de bronze e apresentam muitas semelhanças com as peças existentes em Espanha, nomeadamente na região de Catalunha e Aragão – Museu do Instituto Valencia de D. Juan e no museu Episcopal de Vich (Martin Ansón, 1977 e 1986) –, no Museu Arqueológico Nacional de Madrid (Olague-Feliu y Alonso, 1993), no Museu de Londres (Clark, 1995), e no museu de Cluny de Paris.

Não nos vamos deter, aqui, na problemática, já tão

dissecada, da denominação destas peças<sup>16</sup>. Sobre o seu uso, utilizaram-se sobretudo nos jaezes dos cavalos, pregados com pernos ou cosidos (tendem a ser maiores e de melhor execução técnica) e/ou suspensos em rédeas, almofadas de selim, selas correias e mantos – como foi, sem dúvida, o caso desta colecção, não descurando ainda a hipótese da utilização de peças deste tipo, as de menor tamanho, em coleiras de cães e de falcões. Por outro lado, peças semelhantes, nomeadamente as armoriadas, foram ainda aplicadas no vestuário homens ou mulheres da realeza e da nobreza (Hablott, 2017, Seixas, 2002, p. 431-452 e Fernandes, 1999, 373-384).

Cavaleiros nobres e cavaleiros das ordens militares ornamentavam a sua indumentária e sobretudo os acessórios dos seus cavalos, em rituais militares, rituais políticos – desfiles sumptuários, nas paradas, nas cerimónias – e em rituais familiares – casamentos, grandes festas – e de lazer – divertimentos marciais como torneios e justas. Usados como adorno ou como elemento distintivo da estirpe a que pertencia o cavaleiro, ou ainda como certificado de propriedade de uma família concreta, tinham uma forte carga simbólica. *Veritable prolongment animal du chevalier, sa monture apparait comme une des multiples composantes de son identité sociale, au même titre que son corps, son nom, sa parenté, ses biens, en réalité un autre lui-même.* (Hablott, 2017, p. 114).

Sobre a utilização destas peças em território português temos poucos testemunhos recolhidos mas

---

16. Martin Ansón, 1977, p. 297-301; Olague-Feliu y Alonso 1993, p. 89-90. Conhecidas desde a Antiguidade Clássica como *Philarae*, são inúmeras as denominações pelas quais são conhecidas. Desde logo, e a mais comum, a designação medalhas de pretal, que surge na documentação, em catálogos de museu, ou nos antiquários e colecionistas catalães, tem levantado polémica já que o pretal é uma parte específica do arnês e os medalhões foram utilizados em selas e selins, nas rédeas da parte da frente, nos mantos, acompanhando a evolução do arnês ao longo dos tempos. Outras denominações avançadas – jaez colgante – referente a todo e qualquer adorno relativo à cavalaria ou às correias das crinas, em dias de gala –, pinjantes ou joyeles – as peças de ourivesaria –; piezas colgantes ou chapas, expressões utilizadas pelos arqueólogos catalães, *annelets volants*, *bralants* e *pendentes*, como são conhecidas, na mesma altura em França, ou *armorial pendants*, no British Museum (que no caso peninsular é restritivo uma vez que as nossas quase nunca são heráldicas) –, referem-se ao mesmo tipo de peças, mas nenhuma das designações gerou, até à data, consenso entre os autores.

este vazio reflete apenas o pouco interesse que o seu estudo suscitou até à data. Encontrámos uma referência no capítulo “equipamento de montar” dos extratos dos livros de contas da rainha D. Leonor de Portugal, filha de Afonso IV e Beatriz de Castela, casada com o rei Pere IV de Aragão e precocemente falecida, um ano após os esponsais, apensos ao testamento e publicados por Adriana Almeida (. *Item recibieron de Bernalyt Dolit, argentero, de un freno com su peytral (. . .). Et havia en el dicho freno entrepedientes et sobrepiendentes, que eran.XXV., de plata esmaltados con senyales de Portogal et de Castiella et con navallas de plata de los dichos senyales et con una figura de castiello ensomo de las dichas cabeças de plata dorada, con scudos chicos de plata dorados de los dichos senyales* [Almeida 2012, pp. 54]. Mais recentemente tivemos conhecimento de outras referências testamentárias que podem fornecer informação precisa sobre a dimensão artística, social e económica destas peças em território nacional (Morujão, 2010).

As colecções peninsulares conhecidas e estudadas por investigadores espanhóis apontam para oficinas catalãs, aragonesas, levantinas e, em muitos casos, para a zona de dominação árabe (Ansón, 1977, 306; Olaguer-Feliu y Alonso 1993, p. 101). Teriam existido em Portugal, também, oficinas, como parece sugerir o texto em português antigo das peças nº 1 e nº 2 aqui apresentadas?

A colecção agora em apreço comporta 19 artefactos, 17 deles medalhões, que, segundo Gracês Teixeira, seriam em número superior, não tendo, da leitura que fiz dos seus artigos, encontrado correspondência para algumas peças - um dos medalhões com elmo encimado por grifo e filactera (semelhante aos nºs 14 e 15), o medalhão igual ao nº 9, um medalhão com escudo esquartelado pela cruz de Cristo, um medalhão esmaltado com dama de vestido de mangas compridas e leão aos pés e com a inscrição TENER AMOR (uma temática muito comum, outro com B gótico minúsculo esmaltado encimado por coroa aberta (TEIXEIRA, 1932, p. 6-7); As peças são todas executadas em ligas metálicas de cobre e bronze, douradas, douradas e esmaltadas ou em cor natural (um só exemplar, o nº 14). As formas são maioritariamente circulares, lobuladas ocorrendo uma fita ondulada, e são decoradas, numa só face, com temas do imaginário cavaleiresco quando o amor, a caça e a guerra eram os passatempos de primeira ordem da nobreza e dos cavaleiros medievais.

Ocorrem, em menor número, motivos geométricos de círculos (Nº5), motivos vegetalistas (Nº 12) ou cordiformes e em trabalho liso (Nº8).

Na colecção de Tancos sobressai o tema do Amor (peças nºs 1 a 3, nº 7, nº 9 a 11, nº 13 e nºs 16 e 17) mas ressalvamos o facto de ser esta uma primeira abordagem, e do estudo em curso poder alterar estes resultados, nomeadamente com a identificação de peças armoriadas. A manter-se este tema predominante é provável que estas peças tenham sido usadas sobretudo nos divertimentos marciais dos cavaleiros ou em grandes festas. Na temática do Amor inclui-se o tema da “Deposição do elmo na cabeça do cavaleiro pela dama” (nºs 1 a 3), que cremos ser uma variante do tema da “coroação do cavaleiro pela dama”; o tema do “Castelo do Amor” (Nº 9), um busto de dama sob a arquitectura castelar aludindo ao coração como uma fortaleza que o amante deve conquistar (Martin Ansón, 1977, 310); a letra A (Nº13) e a “dama com a manga” (Nº17). O simbolismo religioso aparece eventualmente na peça Nº 18, em que a figura alada pode corresponder a um anjo. Outras peças podem integrar temas heráldicos (Nºs 14 e 15) bem como ainda estão por identificar o significado das letras e inscrições representadas. Talvez possamos ainda identificar, nos medalhões Nº 1 a 3, o tema da guerra.

Em termos tipológicos as peças são classificadas como medalhões de suspensão ou pendentes, as que têm a argola de suspensão como acontece com os Nºs 1, 14, 15, 17 e 18; medalhões de fixar ou pregar as peças Nº 4, 5 a 8 e 16; de fixar/pregar e passar as correias, as peças Nºs 2, 3 e 9; de pregar/fixar integrando elemento para suspensão do pendente, as peças Nºs 10, 12, 13 e 19 e, por fim, para pregar/fixar, passar as correias e integrar o elemento para suspensão do pendente, a peça Nº 11. O diâmetro das peças oscilam entre 4,5 cm e 9,5 cm não tendo constatado que as peças de fixar fossem de maior dimensão, como no caso catalão.

Para terminar, e porque se trata de uma primeira abordagem de um estudo que se pretende aprofundar numa perspectiva pluridisciplinar, com a participação do Instituto José de Figueiredo e de investigadores de variadas áreas da história, gostaríamos apenas de avançar com uma hipótese relativamente ao porquê de um conjunto deste tipo dentro do castelo de Almourol.

As condições de achado destas peças, descritas pelo



alferes Luis Teixeira Beltrão, bem como a coerência deste conjunto, sugerem-nos que poderiam ter sido encontradas todas juntas, eventualmente guardadas numa arca, ou arqueta, decorada com motivos esmaltados semelhantes aos dois medalhões – os nº 7 e nº 8 – cuja funcionalidade mantemos em aberto. Se assim foi, é natural que a sua preservação, que permitiu o seu resgate, nos finais do século XIX, estivesse associada a um valor que poderia ser simbólico, evocativo de feitos políticos ou militares, ou simplesmente sentimental, como pode ter sido o seu uso durante a boda da sobrinha do comendador Rui Velho, Isabel Botelho com Martim Vaz de Bulhão, vedor e contador da fazenda de D. João II, nos Açores (Dias, 1991, p. 108).

## 2.2. INVENTARIO

### Nº 1 MEDALHÃO-PENDENTE

Liga metálica de cobre com aplicações de ouro e esmalte.

Séculos XIV-XV

D. 9,4 cm A. (elemento de suspensão) 1,7 cm E. o, 2 cm;

TEIXEIRA, 1951, p. 4-5; FURTADO, 1996, v. 1, p. 670-71.

Placa de formato circular com argola de suspensão na parte superior.

Preenchida com decoração executada a buril ou cinzel, numa só face, apresenta-se dourada em toda a superfície à excepção das zonas esmaltadas que preenchem o fundo e as letras. O esmalte foi aplicado segundo a técnica do escavado.

Compõe-se de três registos: uma fina moldura dourada externa delimitada por filets e preenchida por linhas oblíquas incisadas; um registo circunscrito no primeiro, delimitado por filete, com uma inscrição com campo dourado e letras esmaltadas a azul. E, por fim, o registo compositivo principal, num plano com 7,5/8 cm de diâmetro, composto por eixo central representado pelo cavaleiro encimado por uma árvore estilizada, com tronco e copa larga preenchida a reticulado inciso. O cavaleiro, envergando armadura completa, com espada de pomo discoidal e guardas rectas, pendente de um cinto, está ajoelhado sobre a perna direita, de mãos postas, disposto a 3/4. Do lado direito do medalhão a dama com vestido longo de decote redondo, cintado, pregueado e com botões até abaixo, segura nas mãos um bacinete de viseira articulada, com a parte superior pontiaguda,

que vai depor sobre a cabeça do cavaleiro. Do lado esquerdo do medalhão um cavalo disposto de perfil, com a cabeça junto ao cavaleiro e corpo distorcido. Entre o cavaleiro e o cavalo, o pendão. A cena dispõe-se sobre fundo esmaltado a azul, as figuras são douradas, com elementos incisados esmaltados a azul. Reverso em trabalho liso.

Leitura (Teixeira, 1951: 5): † AMORVOU MEU ACO FICA O CORACOM MEU (Amor vou me; vaco fica o coração meu)

### Nº 2 MEDALHÃO DE ALETAS

Liga metálica de cobre com aplicações de ouro e esmalte.

Séculos XIV-XV

D. 9,4 cm; E. o, 2 cm;

Teixeira, 1932, p. 4-5; Idem, 1951, p. 4-5; Furtado, 1996, vol. I, p. 670-71.

Medalhão circular, em cobre, com duas aletas de configuração rectangular, terminação bifurcada e dois espigões voltados para o centro para a passagem das correias. As aletas têm perfuração central – uma ainda com o perno original, em ferro –, destinada ao pregamento directo. A peça é idêntica a nº 1 e nº 3, com o mesmo tema decorativo e a mesma inscrição, igualmente lida por Garcês Teixeira (1951: 5). Inscreve-se na tipologia dos medalhões de aletas dos nº3 e nº 9. Reverso em trabalho liso.

### Nº 3 MEDALHÃO DE ALETAS

Liga metálica de cobre com aplicações de ouro e esmalte.

Séculos XIV-XV

D. 9,5 cm; E. o, 2 cm;

Teixeira, 1932, p.4-5; Idem, 1951, p. 4-5; Furtado, 1996, vol 1, p. 670-71.

Peça com temática, decoração e inscrição idêntica à nº 1 e à nº 2. Inscreve-se na tipologia dos medalhões de aletas dos nº2 e nº 9. Reverso em trabalho liso.

### Nº 4 TIRA METÁLICA DE FIXAÇÃO

Liga metálica de cobre com aplicações de ouro e esmalte.

Séculos XIV-XV

C. 36 cm; L. 1,9 cm;

Tira de metal, ondulada, com inscrição. Tem tela no seu interior e encontra-se perfurada nas extremidades.

#### Nº 5 DISCO DE FIXAÇÃO

Liga metálica com aplicações de ouro.

Séculos XIV-XV

D. 6 cm

Placa de formato circular com decoração de círculos de várias dimensões. Na orla exterior uma moldura relevada em trabalho liso. Ao centro, onde se inscreve um círculo relevado, apresenta uma perfuração. O friso de círculos apresenta duas perfurações junto à orla externa, de fixação. Na face principal tem colado o identificador de Nº de Inventário ilegível.

#### Nº 6 PEÇA ESMALTADA DE FIXAÇÃO

Liga metálica de cobre com aplicações de ouro e esmalte.

Séculos XIV-XV

D. 7,2 cm; A. 1,5 cm

Peça em metal, recortada no bordo e com a parte central de formato circular e sobrelevada, com vestígios de douradura e esmalte. Bordo em aba, recortado, com motivos em forma de chaveta, revestido a douradura, e com quatro perfurações, três das quais ainda com o perno de cabeça semicircular e haste ainda visível pelo reverso. A parte central é esmaltada com motivos decorativos vegetalistas e geométricos de cor azul e vermelha e letra(s) dourada(s). No reverso tem colado o identificador de Nº de Inventário 27. Reverso em trabalho liso.

#### Nº 7 PEÇA ESMALTADA DE FIXAÇÃO

Liga metálica de cobre com aplicações de ouro e esmalte.

Séculos XIV-XV

D. 7,2 cm; A. 1,5 cm

Peça em metal, recortada no bordo e com a parte central de formato circular e sobrelevada, com vestígios de douradura e esmalte. Bordo em aba, recortado, com motivos em forma de chaveta, revestido a douradura, e duas perfurações para pregação.

O registo central é esmaltado, a verde e dourado, com cartela de enrolamentos vegetalistas onde se inscreve a letra A (?). No reverso, em trabalho liso, tem colado o identificador de Nº de Inventário 29.

#### Nº 8 MEDALHÃO DE FIXAÇÃO

Liga metálica de cobre com aplicações de ouro e esmalte.

Séculos XIV-XV

D. 6,5 cm; A. 2,2 cm

Placa/disco de cobre, de formato circular, com de-

coração. Na orla exterior, uma moldura relevada cordiforme, perfurada em 4 pontos ainda mantém os pernos. A zona central é sobrelevada em dois registos em trabalho liso: uma moldura em meia cana prolongada por uma calote esférica. Vestígios de douradura. Reverso em trabalho liso. Na face principal tem colado o identificador de Nº de Inventário ilegível. Reverso em trabalho liso.

#### Nº 9 MEDALHÃO DE ALETAS

Liga metálica de cobre com aplicações de ouro e esmalte.

Séculos XIV-XV

C. 9,6 cm; L. 6,2 cm;

Teixeira, 1932, p. 8 (havia outra peça igual a esta). Idem 1951:5; Furtado, 1996, vol. 1, p. 670-71 e vol. 3, imagem 114.

Medalhão de formato circular, com aletas terminadas em V e perfuradas ao centro, decorado e esmaltado. O bordo do medalhão, polilobado, apresenta uma moldura, em relevo, de semicírculos intercalados por motivos triangulares, salientes, decorados com sulcos incisos e dourados. Nesta moldura inscreve-se o tema do “Castelo do Amor” representado por uma fortificação, ladeada por duas rosetas de 6 pétalas, composta por duas torres laterais, de dois pisos, unidas por um arco encimado por uma torre central, de um só piso. O castelo assenta ainda num *podium* de quatro degraus. Dentro do arco e enquadrada pelas referidas torres inscreve-se uma figura feminina coroada, a três quartos e voltada sobre o seu lado direito, sobre fundo esmaltado de vermelho. Toda a peça tem douradura e o verso é em trabalho liso. No verso tem colado o identificador de Nº de Inventário Nº6.

#### Nº 10 MEDALHÃO DE ALETAS

Liga metálica de cobre com aplicações de ouro e esmalte.

Séculos XIV-XV

C. 11 cm; L. 5,1 cm; D. medalhão 5,1 cm

Medalhão de formato circular, decorado e esmaltado, com duas aletas com pernos de fixação, dispostas na vertical, de formato rectangular e terminação bifurcada a superior, e com as extremidades inferiores perfuradas para a suspensão de um elemento de articulação. O bordo do medalhão apresenta dupla moldura com inscrição que enquadra uma figuração imperceptível. Toda a peça tem douradura, esmalte azul na face principal e o verso é em trabalho liso. Inventário antigo Nº 7.

#### Nº 11 MEDALHÃO DE ALETAS

Liga metálica de cobre com aplicações de ouro e esmalte.

Séculos XIV-XV

C. 9,4 cm, L. 6,6 cm; D. medalhão 5,1 cm

Furtado, 1996, v. I, p. 670-671; Teixeira, 1951, p. 5;

Medalhão circular com duas aletas laterais de terminação bifurcada – com os pernos e com arranque dos travessões para passagem de correias –, e um elemento de articulação na parte inferior, perfurado no centro das suas duas hastes sugerindo comportar um elemento de suspensão eventualmente decorado. A face principal ostenta uma moldura de linhas oblíquas e incisadas, em todo o perímetro, delimitada por *filets* incisados com inscrição. Na moldura central, sob fundo esmaltado a azul, uma figura em pé, ligeiramente voltada sobre o seu lado direito, segurando algo. Ladeia-a o que parece ser uma árvore. Toda a peça é dourada. O verso é em trabalho liso. Leitura de Teixeira, 1951, p. 5 † AMOR RVOU ME UA  
Leitura sugerida: † AMOR [...]

#### Nº 12 MEDALHÃO

Liga metálica de cobre com aplicações de ouro e esmalte.

Séculos XIV-XV

D. 5,7 cm L. 6 cm;

INVº Nº 53

Teixeira, 1932, p. 7.

Medalhão circular com argola de suspensão e travessão na parte superior, para pregar a tecido, correias ou sela. O travessão compõe-se por elemento rectilíneo rematado nas extremidades por motivo em forma de coração, perfurado, ainda com o perno do lado direito, e com zona de articulação composta por dois círculos vazados que, conjuntamente com o círculo soldado ao medalhão (pendente), são atravessados por prego. A face principal do medalhão ostenta uma primeira moldura de 2 mm com friso geométrico de ziguezagues, uma segunda moldura esmaltada a vermelho e branco, uma terceira moldura de encordoados, uma quarta moldura de oito quadrifólios intercalados por esmalte vermelho e, por fim, ao centro, sobressai uma flor de seis pétalas. O reverso, em trabalho liso, tem colado o identificador de Nº de Inventário Nº5.

#### Nº 13 MEDALHÃO

Liga metálica de cobre com aplicações de ouro e esmalte.

Séculos XIV-XV

A. 8,5 cm; L. 6,6 cm;

Teixeira, 1932, p. 9.

Medalhão polilobado com oito elementos salientes, de formato semicircular, que na parte superior e inferior parecem constituir elementos de suspensão. O campo tem diversos motivos incisados em ziguezague mas a composição principal é um friso em U, ou uma filacteria com inscrição que emoldura a letra A de grandes dimensões, a letra parece esmaltada bem como parece haver vestígios de esmalte na parte superior esquerda. O reverso é em trabalho liso e tem colado o identificador de Invº Nº2.

#### Nº 14 MEDALHÃO

Liga metálica de cobre

Séculos XIV-XV

A. 7,2 cm; D. 6,7 cm; L. 6,6 cm;

Teixeira, 1932, p. 6.

Medalhão de formato circular de suspensão. Na face principal ostenta, no perímetro, uma moldura de enrolamento de folhas de hera onde se inscreve um registo com um elmo voltado à esquerda, com guarda nuca, encimado por um grifo, da boca do qual suspende uma filacteria ou uma manga. O elmo apoia-se num escudo à valona formado por três arcos de círculo e um E gótico minúsculo dourado. O reverso é em trabalho liso e tem colado o identificador de Nº de Inventário Nº4. Igual ao Invº 57. Leitura da filacteria por Teixeira, 1932, p. 6: RAISO.

#### Nº 15 MEDALHÃO

Liga metálica de cobre e esmalte e douradura

Séculos XIV-XV

A. 7,2 cm, D. 6,7 cm, L. 6,6 cm;

Teixeira, 1932, p. 6.

Medalhão de formato circular de suspensão idêntico ao anterior mas esmaltado e dourado. O reverso é em trabalho liso e tem colado o identificador de Nº de Inventário Nº4. Igual ao Invº 57. Existia um terceiro exemplar.

#### Nº 16 MEDALHÃO DE ALETAS

Liga metálica de cobre

Séculos XIV-XV

D. 4,4 cm; L. 6,6 cm;

Medalhão com pequenas aletas de terminação semicircular que ainda conserva os pernos de cabeça hemisférica. O medalhão tem formato circular, com primeiro registo em moldura lisa, o segundo registo

é uma moldura de enrolamentos incisos e o terceiro registo, inscrito, representa um frontão triangular do qual pende ramagem sob fundo reticulado que pode corresponder a uma tenda ou à letra A. O reverso é em trabalho liso e tem colado o identificador de Nº de Inventário Nº9.

#### Nº 17 MEDALHÃO

Liga metálica de cobre

Séculos XIV-XV

A. 6 cm; L. 4,6 cm;

Medalhão de formato oval de suspensão. Na face principal ostenta, no perímetro, uma moldura com *filet*, em trabalho liso, com uma inscrição que, por sua vez, emoldura o registo principal. Figura feminina voltada à esquerda que segura na sua mão direita uma manga. A figura tem rosto ovalado, olhos orientalizantes e cabelo comprido, sobre os ombros, realçado por incisões finas a sugerirem cabelo, vestido de manga comprida e decote redondo. O reverso é em trabalho liso e tem colado o identificador de Nº de Inventário Nº13.

#### Nº 18 MEDALHÃO

Liga metálica de cobre

Séculos XIV-XV

D. 5,7 cm

Medalhão circular de suspender. Compõe-se por uma moldura externa decorada com linhas oblíquas zigzaguiantes, incisadas, delimitada por *filets*, uma moldura em trabalho liso, também delimitada por linha incisa, e uma imagem central alada, eventualmente um anjo. Toda a peça é dourada. REVERSO: em trabalho liso.

#### Nº 19 ELEMENTO DE ARTICULAÇÃO

Liga metálica de cobre com douradura

Séculos XIV-XV

D. 5,7 cm

Elemento de suspensão constituído por corpo principal dividido em três registos, e corpo inferior articulado, de formato cruciforme. O corpo principal desenvolve-se em quatro registos distribuídos da seguinte forma: corpo superior de forma losangular com terminações de enrolamentos, a superior bifurcada, num registo moldurado. Encontra-se perfurado para fixação; o segundo registo, apresenta uma forma ovalóide com motivos incisos inscritos numa moldura; o terceiro registo, distribui-se ao longo de uma placa de formato e secção rectangulares deco-

rada com X inciso e aletas, com parte inferior perfurada para fixação; o corpo inferior articula-se com o principal por dobradiça e apresenta-se de formato e secção rectangulares com duas aletas salientes triangulares e terminações bifurcadas. A decoração, para além de molduras nas extremidades, em trabalho liso, apresenta motivo central e X, feito por incisão. Conserva os pernos com cabeça hemisférica. Douradura na face principal, verso em trabalho liso. Tem o identificador de Nº de Inventário, um selo oval recortado, não legível.

#### BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Adriana R. de (2012) – ...com armas de Aragon et Leones et Castiellos et armas de Portugal. Representações heráldicas nos bens de Leonor de Portugal, Rainha de Aragão (1347-1348), in *Estudos de Heráldica Medieval*, Lisboa, pp. 43-57.

BAIÃO, António (1951-5) – Uma capela de N. Senhora no Castelo de Almourol, inaugurada no meado do Século XV, *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*, vol. III, Tomar, pp. 15-16.

BARROCA, Mário Jorge (1996-1997) – A Ordem do Templo e a Arquitectura Militar Portuguesa do século XII, in *POR-TUGÁLIA*, Nova Série, v. XVII-XVIII, pp. 171-209.

BARROCA, Mário Jorge (2000) – *Epigrafia Medieval Portuguesa (863-1422)*, vol. II, Corpus Epigráfico Medieval Português, t. 1, pp. 361-369.

BARROCA, Mário Jorge (2002) – Os Castelos das Ordens Militares em Portugal (séc.s XII a XIV), in *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, pp. 535-548.

CLARK, John (1995) – *The Medieval Horses And Its Equipment (c.1150-1450). Medieval Finds From Excavations in London*: 5. Museum of London. London.

COSTA, Alfredo G. da (1982) – O Castelo de Almourol e o Turismo, Livro do Congresso – I Congresso dos Monumentos Militares Portugueses, Lisboa.

DIAS, JOÃO A. (1991) – As comendas de Almourol e Cardiga das Ordens do Templo e de Cristo na Idade Média. In *As Ordens Militares em Portugal*, Palmela, p. 101-113.

FERNANDES, ISABEL C. (1999) – Contributo para o estudo da iconografia santiaguista: uma insígnia proveniente de contexto arqueológico do Castelo de Palmela, in *Ordens Militares. Guerra, religião poder e cultura, Actas do III Encontro sobre Ordens Militares*. Palmela, pp. 373-384.

FURTADO, TERESA P. (1996) – *O Castelo de Almourol Monumento e Imaginário*, Dissertação de Mestrado em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, vol. I, II, III (policopiado).

- GARCÍA PÉREZ, Concepción (1993) – Metodología para a catalogación y análisis de los pinjantes góticos del Museo Arqueológico Nacional, *Boletín de la ANABAD*, Tomo 43, Nº 3-4, 1993, pp. 137-140.
- HABLOT, Laurent (2017) – Le Chaval et l’emblématique au Moyen Âge, in *Le Chaval au Moyen Âge* (coordenação de Élisabeth Lorans), Presses universitaires François-Rabelais de Tours.
- LEAL, P. (1873) – Portugal Antigo e Moderno, s.v. *Almourol*, vol. 1, Lisboa, pp.156-157.
- MARTIN ANSÓN, M. Luísa (1977) – Adornos Metálicos en los Caballos: Pinjantes y aplicaciones, in *Archivo Español de Arte*, tomo 50, nº 199, pp. 297-312.
- MARTIN ANSÓN, Maria Luísa (1986) – La colección de pingentes del Museo Lazaro Galdiano, in *Goya: Revista de Arte* (Exemplar dedicado a: Las colecciones de Don José Lázaro Galdiano), Nº 193-195, pp. 57-65.
- MATTOSO, José (1982) *Ricos Homens, Infações e Cavaleiros. A Nobreza Medieval Portuguesa nos Séculos XI e XII*, Lisboa.
- MORUJÃO, Rosário (coordenação), (2010) – *Testamenta Ecclesiae Portugaliae (1071-1325)* Lisboa.
- OLAGUER-FELIU Y ALONSO, Fernando (1993) – Catalogo de la Colección de Pinjantes y de Piezas de Jaz de caballo medievales Del Museo Arqueológico Nacional, *Boletín del Museo Arqueológico Nacional* (Madrid), XI, pp. 89-106.
- OLIVEIRA, Luís F. (2014) – Dos castelos às Ordens Militares: os espaços da vida religiosa e comunitária, in *Actas do Castelos das Ordens Militares*, vol. II, pp. 389-407.
- OSÓRIO, Manuel (1896) – O Castello de Almourol, *Revista de Engenharia Militar*, pp. 199-208.
- OSÓRIO, Manuel (1897) – O Castello de Almourol (conclusão), *Revista de Engenharia Militar*, pp. 32-44.
- SEQUEIRA, GUSTAVO Matos (1949) – *Inventário Artístico de Portugal*, Vol. III, Distrito de Santarém.
- SEIXAS, Miguel M. (2002-2003) – Alguns achados de interesse heráldico recolhidos nas escavações arqueológicas de Torres Vedras, in *Armas e Troféus*, IX série, pp. 431-452.
- SOUSA, José M. C. de (1931) – Bibliografia da Inscrições Portuguesas do século XII, *O Instituto*, vol. 82, Coimbra.
- TEIXEIRA, Francisco A. G. (1908) – Almourol, in *Serões. Revista*, nº 39, Setembro, vol. II, pp. 155-166.
- TEIXEIRA, Francisco A. G. (1925) – Uma iluminura do século XVI. v. V das *Contribuições para a Historia das Artes em Portugal*, Lisboa.
- TEIXEIRA, Francisco A. G. (1926) – O Castello de Almourol. As Inscrições Portuguesas, *Serões de Tancos*, vol. 1, nº 9, Tancos, Junho de 1926, pp. 69-71: Idem, vol. I, nº 10, Tancos, Julho de 1926, pp. 78-79.
- TEIXEIRA, Francisco A. G. (1929) – Almourol, *Serões de Tancos*, vol. I, Tancos, 1929, pp. 12-15 e 19-22.
- TEIXEIRA, Francisco A. G. (1932) – O Espólio do Castelo de Almourol, *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*, vol. III, Tomar, pp. 4-10, *Revista de Arqueologia*, vol. 2, Lisboa, 1934-36, pp. 140-145.
- VITERBO, S. (1895), in *Diário de Notícias* de 13 de Outubro.

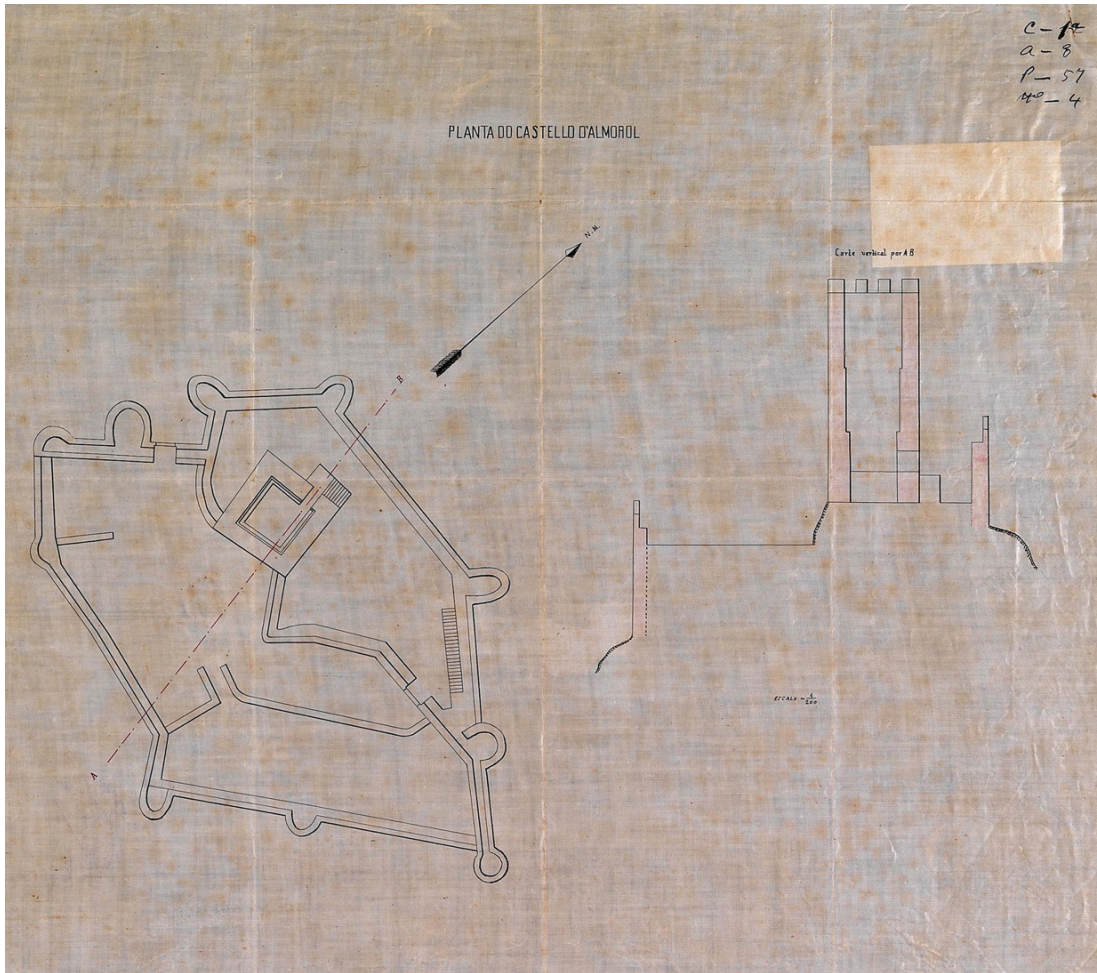


Figura 1 – Planta do Castelo de Almourol escala original 1/200 (finais do Século XIX, Arquivo da Direção de Infraestruturas do Exército (DIE)).

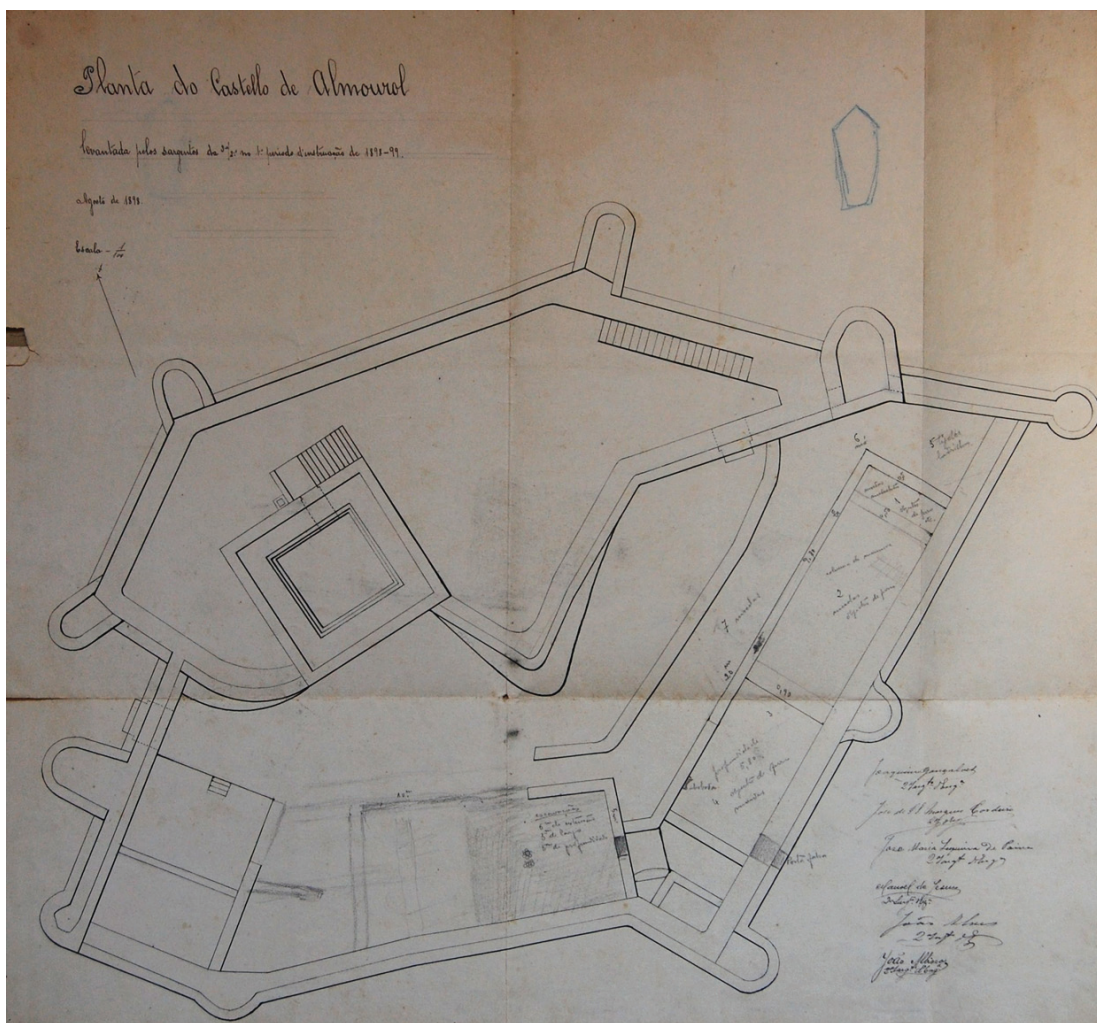


Figura 2 – Levantamento de 1898-1899, Arquivo da Escola Prática de Engenharia, Tancos.



Figura 3 – Nº 1 Medalhão-Pendente.





Figura 4 – Nº 4 Tira Metálica de Fixação



Figura 5 – Nº 6 Peça Esmaltada de Fixação.



Figura 6 – Nº 9 Medalhão de Aletas.



Figura 7 – Nº 10 Medalhão de Aletas.



Figura 8 – Nº 11 Medalhão de Aletas.



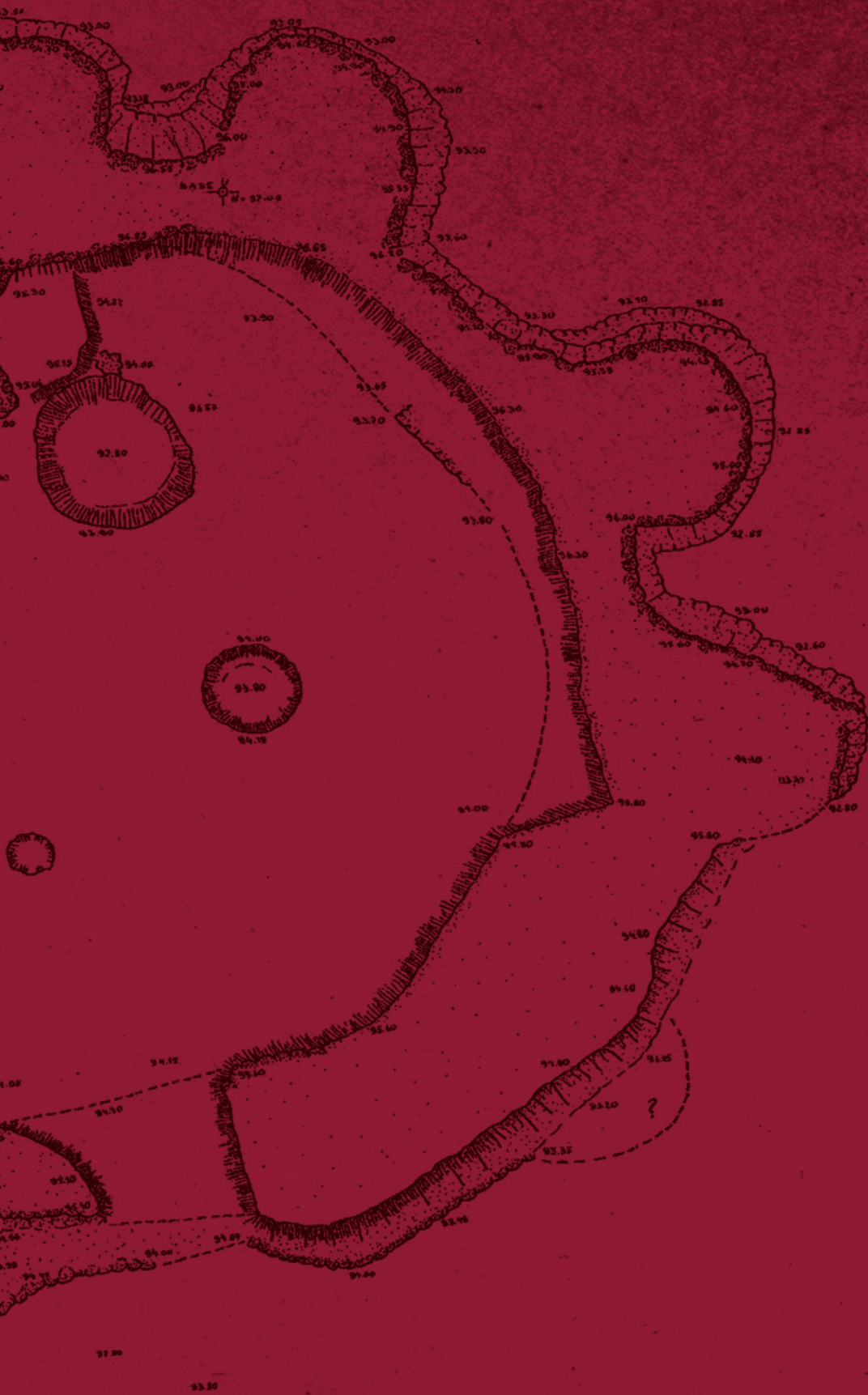
Figura 9 – Nº 14 Medalhão.



---

Figura 10 – Nº 19 Elemento de Articulação.





Patrocinador oficial